

O CIRCO

Mario Filipe Cavalcanti

O CIRCO

Editora  UFPE

Recife, 2014

Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Prof. Anísio Brasileiro de Freitas Dourado

Vice-Reitor: Prof. Sílvio Romero Marques

Diretor da Editora: Prof. Lourival Holanda



Comissão Editorial

Presidente: Prof. Lourival Holanda

Titulares: Ana Maria de Barros, Alberto Galvão de Moura Filho, Alice Mirian Happ Botler, Antonio Motta, Helena Lúcia Augusto Chaves, Liana Cristina da Costa Cirne Lins, Ricardo Bastos Cavalcante Prudêncio, Rogélia Herculano Pinto, Rogério Luiz Covaleski, Sônia Souza Melo Cavalcanti de Albuquerque, Vera Lúcia Menezes Lima.

Suplentes: Alessandro da Silva, Arnaldo Manoel Pereira Carneiro, Edigleide Maria Figueiroa Barretto, Eduardo Antônio Guimarães Tavares, Ester Calland de Souza Rosa, Geraldo Antônio Simões Galindo, Maria do Carmo de Barros Pimentel, Marlos de Barros Pessoa, Raul da Mota Silveira Neto, Sílvia Helena Lima Schwamborn, Suzana Cavani Rosas.

Editores Executivos: Edigleide Maria Figueiroa Barretto, Rogério Luiz Covaleski e Sílvia Helena Lima Schwamborn

Catálogo na fonte:

Bibliotecária Joselly de Barros Gonçalves, CRB4-1748

C376c Cavalcanti, Mario Filipe.
O circo / Mario Filipe Cavalcanti. – Recife : Editora UFPE,
2014.
77 p. – (Coleção Novos Talentos).

ISBN 978-85-415-0663-2 (broch.)

1. Contos brasileiros. 2. Circos. I. Título. II. Título da coleção.

B869.3

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2015-061)

Todos os direitos reservados à



Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20, Várzea

Recife, PE | CEP: 50.740-530

Fone: (0xx81) 2126.8397 | Fax: (0xx81) 2126.8395

www.ufpe.br/edufpe | livraria@edufpe.com.br

*Para o amigo escritor e ilustrador Guto Stresser, por nossas
conversas de circo, repletas de cores, tintas e letras.*

*Para Catarina que insiste em dizer
ser esse o seu livro preferido.*

*Para os palhaços, suas roupas cheias de lantejoulas
e miçangas e cores e..., e... – devo confessar:
morria de medo de vocês quando criança!*

Em memória do grandioso Chaplin que escreveu, dirigiu, produziu, musicou e encenou o filme homônimo deste livro em 1928; filme este repleto dessa graça, alegria e tristeza, tão comuns aos circos, pois comuns aos seres humanos.

“Todas aquelas pessoas. O que estão fazendo? O que estão pensando? Todos nós vamos morrer, que circo! Só isso deveria fazer com que amássemos uns aos outros, mas não faz. Somos aterrorizados e esmagados pelas trivialidades, somos devorados por nada”.

HENRY CHARLES BUKOWSKI, *“O capitão saiu para o almoço e os marinheiros tomaram conta do navio”.*

“Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia”.

JOÃO GUIMARÃES ROSA, *“Grande sertão: veredas”.*

“O circo era um balão aceso com música e pastéis na entrada”

OSWALD DE ANDRADE, *“Memórias Sentimentais de João Miramar”.*

Suas mentes giravam como dois trapézios que se encontram no ar... Ser feliz não é o que importa? O mundo? Ah, o mundo que vá pro inferno!

COLEÇÃO NOVOS TALENTOS

O que faz uma editora universitária? Divulga o conhecimento produzido dentro da universidade onde ela nasceu. Mas, em verdade, uma universidade é feita de mais coisas, que extrapolam o conhecimento científico e acadêmico que ela produz. É feita também de talentos, notórios ou guardados, que fazem dela uma comunidade produtora de linguagens.

Isso explica a largueza da proposta que configura a Coleção Novos Talentos, que inicia a publicação dos livros selecionados em seu segundo edital (2013). O edital, por sua vez, consiste numa parceria entre a Editora UFPE e as Pró-Reitorias para Assuntos Acadêmicos (Proacad) e de Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida (Progepe). A coleção contempla textos de caráter acadêmico-científicos e artísticos, publicando obras inéditas de servidores técnico-administrativos e estudantes de graduação da UFPE.

Busca-se mostrar a efervescência intelectual que anima a comunidade acadêmica e que, muitas vezes, só captamos em lampejos. Os novos autores chegam balizados pela Comissão Editorial da Edufpe, composta por avaliadores de reconhecido saber científico e artístico, contemplando diversas áreas: música, gastronomia, literatura, pedagogia, tecnologia etc. São vozes que, sem a oportunidade desse edital, talvez não alcançassem o público-leitor e o convívio mais largo com outras ideias e sensibilidades.

Os editores

PREFÁCIO DO AUTOR

DE CIRCOS

É ENGRAÇADO COMO essa palavra traz uma carga de positividade! E expressar assim, logo na frente do livro, na capa, nas portas da casa, escancaradamente, no título..., confesso que é muito chamativo. Mas, no mundo, a gente vive primeiro pra só depois tirar conclusão das coisas... Que é a morte a não ser uma conclusão definitiva? A gente vive, depois conclui.

E digo isso porque, como todo clichê que se preze e tem sua carga de efetividade, realmente: nem tudo o que parece é... Sim, o circo traz essa bagagem de alegria, satisfação e nostalgia, por todo o vislumbre e todo o imaginário que já nos despertou um dia, e sempre despertará. Mas acontece (e como acontece!) que, às vezes, a gente esquece que o circo não é esse mundo da fantasia que se nos mostra à vista encantada, apenas e tão somente; a gente esquece que o circo é feito de gente, gente que cava os buracos, enfia as estacas, bate os pregos, estica as cordas, joga a lona por cima, firma no chão, lava a parte externa, organiza o picadeiro, apruma a arquibancada... Que gente, não importa se do circo ou não, sente tudo, tudo..., tudo! Sim, gente vive pra cumprir aquela frase de Terêncio, nada do que é humano lhe sendo alheio! E, pensando bem, vê-se que a graça do circo é ensaiada, talvez porque não possa ser espontânea, real...

O mote desse livro me faz recordar, um pouco, minha infância, na qual morria de medo dos palhaços... “Ora!”, todos diziam, “medo de palhaço?!” e faziam aquelas caras capengas de espanto... Como alguém pode ter medo de palhaços?! As pessoas são movidas a certezas e, diante do mais humano dos desafios, o da incerteza, preferem ficar com aquelas caras de espanto... Sim, medo dos palhaços, de todas as suas cores, fantasias, lantejoulas e miçangas! Medo daquela cara triste do palhaço que encontrei logo após o espetáculo, saindo do circo, entrando no *trailer*, se lembrando das contas a pagar, quem

sabe? Uma grande contradição aquela roupa brilhante e cheia de lantejoulas e aquela cara tristonha... Uma grande contradição como tantas no mundo.

No entanto, a vida não deixa de ser aquele velho espetáculo onde a gente interpreta, interpreta, interpreta e depois se aposenta... Parece que a gente já nasce cumprindo um papel – se o bebê não chora, o médico dá-lhe umas palmadas retumbantes. A vida já começa assim: cumprindo tarefa! Um coice de boas-vindas, na *hall* de entrada.

E nesse espetáculo do Grande Circo “Búzio Oco”, que nada mais é que “o mundo”, segundo o grande poeta passarinho, meu eterno xará – como insistiam os amigos no colegial –, o importante é seguir o conselho do meu grande amigo morto, Voltaire, e rir, rir mesmo, rir de tudo, da vida, dos bens e *malestares*¹, dos prazeres e pesares, rir como quem ri de um doido, doidamente.

Malgrado todo aquele medo, ou as invencionices dele decorrentes, lembro de meu deslumbre com o circo, com as luzes, com as cores, com a lona, com as pipocas, pastéis, maçãs do amor e toda aquela aura que ele trazia, as risadas...

Talvez seja mesmo pra isso que nasceu O CIRCO..., pra gente rir, enquanto chora, ou, sei lá..., pra gente chorar, enquanto ri. E, sobretudo, para estarmos sempre deslumbrados. Eis o circo, eis... A vida?

Recife, PE.

1 *Nota da Editora:* nesta obra, o autor opta pela grafia “malestares” em vez de “mal-estares” por inspiração em Mário de Andrade (*Os contos de Belazarte*. Rio de Janeiro: Agir, 2008). O mesmo se aplica para o singular: “malestar” em lugar de “mal-estar”.

SUMÁRIO

1. O ILUSIONISTA	19
2. O CARROSSEL	23
3. O PALHAÇO	25
4. A AFOGADA (INTERMEZZO)	31
5. OS TRAPEZISTAS	33
6. A MULHER BARBADA	41
7. O MÍMICO	47
8. O EQUILIBRISTA	55
9. VOO	61
10. O MENINO	67
POSFÁCIO PELO ESCRITOR EDELSON NAGUES	73
SOBRE O AUTOR	77

1 O ILUSIONISTA

A MÚSICA IRROMPIA ainda em sua cabeça quando pela primeira vez fitou aqueles olhos enormes e castanhos. O acordeão, o trombone, o clarinete, o violino e o violoncelo, as papagaiagens dos palhaços ao fundo e todo aquele povo rodando lá trás, andando em monociclos cromáticos, vestidos de idiotas, enquanto nele, as mãos..., apenas as mãos, abertas e circulantes, com todos os dedos dançantes, tocavam o intangível, puro ar, e seus olhos abertos fitando-a intensamente...

Jeux d'Enfants era a música que tinham conseguido furtar ao grande *Cirque Du Soleil*, mas até que eles se apresentavam bem melhor... Claro que é perigoso dizer isso, afinal, nenhum circo no mundo tem toda a maravilhosa graça do *Soleil*, não mais..., mas ali mesmo, no bairro, estava ele mexendo as mãos para a plateia enquanto dela saíam luzes que rodavam por todo o circo e o público gritava “Bravo!” “Bravíssimo!”, enquanto os olhos eram todos dela. Grandes, abertos, arregalados como a lua cheia em noite de verão. Olhos cobertos de mel e de um quê incompreensível...

De repente, das próprias mãos dele, dez pombas saem voando, pombas brancas em nome da paz mundial, esvoaçam como que saídas das linhas das palmas de suas mãos, o público vai à loucura, aplaude de pé, um carinho lá em baixo perto do picadeiro exhibe uma placa onde consta a ordem: “APLAUSOS”. Um alvoroço único e contínuo, enquanto fitas picotadas de seda vermelha e amarela caem do teto em toda a plateia ensandecida.

Num átimo, a orquestra toca com mais força, ele some, os palhaços tomam a cena, pulando, saltitando, o acordeão repuxa intenso e ele reparece ao lado dela. O público urra, ele está na plateia! As pessoas pulam de alegria e exultação quase demente. Ele lhe tira um ramalhete inteiro de rosas purpúreas como que de trás de sua orelha. Ela duvida, põe a mão atrás, nada, a não ser sua nuca pedinte. Arrepiam-se, o público aplaude. Lá embaixo, a placa ainda é a mesma.

Os gritos, assobios, a música estonteante, ela sente-se tonta, tem um *males-tar*, o corpo todo treme, sua frio, e aqueles olhos tão grandes, tão castanhos, tão penetrantes, tão verdadeiros, ela sente a alma do circo, ela sente-se nele, ela deseja-o, um *malestar*... Aqueles olhos... Tão verdadeiros...

Ele, de pé, ante ela, beija-lhe a mão e desaparece como que do nada, as pessoas riem tanto de tamanha sublimidade que a loucura daquela alegria a atinge em último grau, ela se ri, não sabe o que faz, o irmão lhe espera à porta – detesta circos –, mas poderá esperar mais um pouco, afinal, ela veio para ser feliz e felicidade é que não espera. Felicidade urge de urgência urgentíssima!

Do centro do palco, ele reaparece agarrado a uma árvore que brota do chão repentinamente, e, enquanto o público a vê crescer rapidamente, desafiando todas as leis da natureza, as bocas entreabrem-se, os olhos esbugalham-se, ante a tão formidável magia, tudo tão natural, a árvore cresce, e cresce, as pessoas não conseguem evitar soltar um “*vixe Maria!*”, mas é tão rápido, tão formidavelmente impecável, quem diria ser ilusão? Todos, extasiados, sentem lá no fundo que ele de tão perfeito faria melhor que o próprio Deus se estivesse naquela época de vácuo, no princípio...

O coração dela bate ainda mais forte, vê em seus olhos um quê de heroico, de viril em altíssimo grau, e as rosas cheiram mais que o próprio amor, ela aperta as flores contra o peito e repara se seu decote está suficientemente chamativo – não sabe ao certo por que faz aquilo, age quase como a cobaia de Schopenhauer pro seu ensaio da *metafísica do amor*..., sabe apenas que a música ainda a envolve e que os olhos dele continuam fincados nela. E, o que é ainda mais interessante, ele não perde a cena.

A plateia aplaude de pé, ele acaba de comer, juntamente com os palhaços saltitantes, todos os frutos da árvore. Que de tão grandes, parecem peras, causando em todos a sensação inevitável de água na boca. De repente, em um movimento dele com as mãos, peras aparecem ao lado de todos na plateia.

As pessoas vibram, comem e se deliciam com as frutas de tão divina árvore. Quem sabe se não a do conhecimento do bem e do mal? Lá embaixo, muda-se a placa e com ela a ordem: “NHAC!”.

Ele fita-a de longe com o olhar penetrante, faz um gesto de cortesia antigo, o braço direito para frente com a mão abanando, a perna direita pra frente e braço esquerdo para trás, parece-lhe um lorde, um *gentleman*, e foi tão intensa essa visão que teve dele, que só depois reparou que a seu lado estavam a pera e uma rosa branca.

A rosa parece ter o perfume adocicado que tinha sentido quando ele tirara-lhe da orelha o ramallete de rosas vermelhas. O coração dela dispara – o irmão terá de esperar, afinal de contas, o circo só aparece uma vez ao ano e um bom desses, no Recife, uma vez em dois milênios! Pelo que ela sabe, o camarim dos artistas deve ficar por ali mesmo, na parte de fora da grande lona azul e amarela. Ao fim do espetáculo, deixará seu coração guiar seus pés... Está tudo acertado, como se em sua mente alguém expusesse de perto do picadeiro a placa: “COMA!”. Enrubescou com esse pensamento sórdido.

O acordeão anuncia o fim da música e do espetáculo do prestidigitador, o público vai à loucura, pede bis, aclama-o com “Bravos!” e “Bravíssimos!”, ela sente-se extasiada, terá a chance de sua vida... A alegria do circo, a música, o ilusionista, aqueles olhos, aquelas mãos, pensa até mesmo em casamento, tudo isso num só instante, ergue-se esbaforida. As mãos enormes lhe acariciando o corpo nu... Contempla sua salvação. As mãos dela suam. Um *malestar*...

Do alto da arquibancada, repara que, no aceno do ilusionista, no centro do palco, em uma de suas mãos que giram no ar, com os dedos dançantes como no início, reluz imensa aliança de matrimônio na mão esquerda...

Ele fita-a, repara seu olhar direcionado à aliança e faz cara de menino amarelo criado por avó em prédio. Num átimo, some do palco como se ali nunca tivesse estado. Os palhaços caem de susto, uma ilusão seguida de umas palhaçadas...

A música, a alegria, a alma do circo penetra em sua mente desajustadamente, ela sente-se inerte, ao mesmo tempo, era como se tivesse levado um baque, todos aqueles planos alegres, alma de circo, tão rapidamente arquitetados, tão naturais: ilusionismo. Um *malestar*...

2

O CARROSSEL

AQUELA VALSA TOCADA no acordeão tinha o poder de paralisá-la, era como se perdesse a noção de si mesma, imergia num mar de lembranças à francesa...

A primeira vez que tinha lhe arrancado um beijo fora assim mesmo num carrossel instalado naquele que era o Circo Mágico Batatil, noites belíssimas de sua adolescência florida e enérgica – naquela época, ainda existiam mais circos itinerantes do que hoje. Os jovens podiam arriscar a moral e os bons costumes fazendo uma coisa bonita que é fugir de casa pra assistir ao espetáculo do homem que engolia facas... Hoje em dia, há uma preocupação enorme para que os filhos não se misturem com drogados e malandros de rua; tempos outros!

Mas, ouvindo aquela valsa que fazia sua cabeça girar, girar, não era a que ouvia naquela época, mas era tão parecida..., um toque francês, o acordeão pungente e os braços, dos dois, abertos leste-oeste, ele abraçando-a por trás, guiando seu caminho, era como se os instantes todos do circo fossem uma eternidade... A vida cabe num instante. Se cabe!

A mente dela afundada em fantasias de amor, e a voz gutural dele no pé de seu ouvido, anunciando um futuro d'amor e mágica, o carrossel girando e ela em seu colo de braços abertos – as senhoras donas de família que levavam os filhos ao passeio olhando e dizendo ser tudo aquilo uma pouca vergonha, mas ela ria, ria de gargalhar, o que irritava ainda mais as adoradoras da moral e dos

bons costumes... Aquilo despertava nela um prazer estranho, meio sádico, ver as velhas definharem de raiva ante a impossibilidade de elas mesmas sentirem prazer...

Ele havia lhe prometido felicidade eterna, e tudo o que lhe tinha dado? A lembrança daquela valsa! Mas não era culpa dele... Engraçado como tudo aquilo tinha sido bom, intenso, eterno, e ela agora, naquela altura da vida, sentia uma espécie de dor ouvindo aquela música, sentia a dor de um amor que se perdeu no tempo, esse grande palhaço de máscara tristonha... PIERROT!

“O que poderiam ser?”, lembra seu irmão a lhe perguntar, “ele, mágico de circo e você, mulher de mágico de circo?! Mamãe vai ficar uma arara e papai vai lhe deserdar!”. Na época, doeu a despedida, o circo tinha levantado estacas iria dali além, ele ainda tinha lhe dado a chance de fugirem juntos, mas fugir?, tudo o que de muito errado ela fizera até então era ir ao circo escondida ver a apresentação dele, vê-lo engolir aquelas facas sem se machucar... como poderia fugir? e seu pai, e sua mãe, e seus irmãos, e sua reputação, e a vizinhança, e a vida que levavam, e o futuro, o que ela seria, mulher de mágico?

Ele se foi.

Ela chorou.

Mas ergueu a cabeça e seguiu em frente... Olha a aliança de ouro reluzente na mão esquerda... Casara-se com o amigo do pai, um grande e respeitável médico que só lhe falava de cirurgias e doentes. Via as filhas pularem no carrossel, rodarem, rodarem, ao fundo, o circo imponente de lona amarela e vermelha, bandeirola em cima, aqueles pensamentos... Ah, se o reencontrasse... Ah, se...

De repente, tremeu-se toda, como que despertada de um sonho venusto de forma abrupta, em sua frente, o grande médico com ares exigentes:

– Amélia, vamos daqui, não sabes que detesto circos?! As meninas já brincaram, vamos, tenho um plantão pra hoje ainda! Já devias saber, és mulher de médico!

Resignada, engoliu mais essa faca.

3

O PALHAÇO

PARA EDELSON NAGUES

ENGRAÇADO QUE NAQUELE momento, enquanto ria, ria de se matar, lembrava-se de certo provérbio de Salomão, que sua mãe, que era muito religiosa, vivia lendo pra ele... Será que ela sabia? Será que, no fundo, podia sentir?

Dava uma cambalhota, duas, três, e fazia aquelas maravilhosas caras e bocas que arrancavam o riso de todos, sim! o riso..., o riso, o RISO! E ele via, descrente, o riso – já tinha tido uma espécie de *overdose* daquela loucura, e, em sua mente, enquanto fingia desmaiar por causa do pum que outro palhaço, colega de anos de circo, tinha soltado, relembra as palavras todas, pequenas e certeiras para ele naquela fase de sua vida: “*Até no riso o coração sente dor*”...

Daí aparece-lhe bem na frente o colega, que, no ano anterior, tinha sido considerado o melhor palhaço da região, e, na tentativa de lhe socorrer, fazendo um enorme esforço para levantá-lo com os dois braços, acaba soltando outro pum, e ele desmaia de novo. O público vai à loucura. O riso ecoa de canto a outro da grande lona, e ele repara, por entre uma cortina espessa nos fundos, que o grande apresentador, dono do circo, *signore* Parini Pallocco, afia os bigodes e ri de fininho. “Deve estar contando os lucros... Filho duma cretina! Faz tempo que não me paga direito!”, desabafa interiormente, enquanto vê o colega saltitar. Era sua vez, de acordo com o ensaiado. Saltita.

As crianças, dessa vez, foram postas bem na frente, os pais geralmente ficavam com elas nos colos, mas, hoje, em especial, o cretino do Pallocco tinha baixado decreto de que, na hora dos palhaços, criança tinha de ficar na ponta,

na frente, parte baixa das arquibancadas, o mais próximo possível da alegria. E o desgraçado sabia que o que lhe motivava a continuar no circo eram os risos das crianças...

Aqueles, sim, risos sinceros, altíssimos, fortes, risos de seres débeis e angelicais, que da vida nada sabiam, que nada podiam compreender... Os adultos, uns calhordas que viam nas acrobacias e palhaçadas que ele fazia uma espécie de droga, de maconha para seus problemas diários, pseudoproblemas.

Uma vez, escutou, enquanto se arrumava no camarim, uma senhora cheia da grana dizer pra amiga: “Vamos, logo, Margot, não podemos perder o início, quero tirar das palhaçadas dessas caras a motivação que aquele escritório infame não me dá mais, afinal, palhaço só serve pra isso, né?”. E, no fim, era isso, pensava, seu trabalho era embalar as angústias desses monstrosinhos.

Não, não, preferia as crianças. As crianças não sabiam que ele recebia cachê para sobreviver, que se não trabalhasse morreria de fome e que não tinha pai nem mãe para o ajudar, as crianças não sabiam que ele era só no mundo desde criança, dada a morte de seus familiares, as crianças não sabiam que ele pedia no sinal antes de ir parar ali, que tinha mulher e filho pra sustentar a milhares de quilômetros dali... Os adultos também não sabiam de tudo isso, ao menos, boa parte deles, mas tinham consciência de que ele era um ser humano e de que não ganhava o mesmo que o respeitável advogado da arquibancada 23 que olhava e ria com ares de magistralidade.

E o calhorda do Pallocco, que não me paga há bem uns três meses, filho duma mãe!

Soam os tambores, chegara a hora mais esperada, o seu colega pularia por dentro de um círculo de fogo, todos na expectativa, os tambores ainda mais altos, batidas vindas de todos os lados, um, dois, três, o salto perfeito e nem um pedacinho do colega queimado. A plateia ergue-se e aplaude de pé.

A vez dele. Achava uma droga tudo aquilo, por que cargas d'água ele teria sempre que se ferrar, que fazer a parte pior, enquanto aquele idiota do Guido fazia o perfeito? Já havia conversado com Pallocco antes sobre isso, não achava justo que o Guido fizesse sempre a parte legal no espetáculo e ele bancasse sempre o idiota, sem falar que Guido estava recebendo direitinho, enquanto pra ele aquela miséria...

– *Mio* querido, o seguinte *ecco*, disse o italiano estufando o peito, tu és palhaço de quinta, um arranjo, *certo*? Guido, não, Guido *niente* disto, Guido *mio* primo, palhaço de primeira! E miséria tu estás acostumado passar mesmo, *ecco*?!

Nem acreditou quando ouviu aquela resposta, e tinha planejado, planejado tudo dali mesmo, diriam depois, caso descobrissem, e descobririam, sim, já que hoje a modernidade é outra, que tinha sido tudo, tudo, “*tutto*”, como dizia o idiota do Pallocco, premeditado com requintes de crueldade.

Saltou no arco e queimou-se todo, caindo feito um besta no chão e debatendo-se, o público aplaudiu com ainda mais força, as crianças, seguindo os adultos, riam daquela algazarra, ele, todo se queimando e o besta do Guido – adorava fazer essas coisas –, em vez de buscar um extintor, joga um produto lá ainda mais inflamável! O público enlouquece!

Hora de jogar-se na tina d’água, pequena, apertada, mas água se lança pra apagar o fogo e o público ri, ri, ri...

*
* *

Horas depois, o espetáculo encerrado, como tudo na vida, começo, meio e fim. O público, farto de risadas, já dormia contente em casa. Na saleta da administração, a sombra de Pallocco dando rios de dinheiro ao Guido. Os outros artistas já estavam nos camarins, todos tinham recebido, ele, como sempre, era o último da contabilidade e aguardava do lado de fora.

A lua estava bonita, cheia, no céu, o circo armado gigantescamente, lona vermelha e branca, nos arredores de Brasília, terra bonita como uma virgem: fria e seca. A pele dele mesmo, que não era acostumada a essas sequidões, rachava-se de alto a baixo. Por um instante, ainda pensou na pele do Pallocco rachando-se ante a sequidão de tamanhas labaredas...

O Guido saíra com seu calhamaço de dinheiro à mão, dizendo, orgulhoso e provocativo: “Hoje o lucro foi alto!”

Ele ignora, entra na lona, contorna o picadeiro, depois daquelas cortinas espessas é que está Pallocco, sentado em uma sala onde reluzia à porta placa com os dizeres: “DA ADMINISTRAÇÃO”. Entra, senta-se.

- *Mio* caríssimo, cada dia tu interpretas *migliore* o palhaço idiota!
- Quanto ganho por hoje, Pallocco?

Tinha dado uma chance ao filho da mãe, uma chance de se redimir e evitar o sinistro, na contabilidade dele, com esse seriam quatro meses, o locador da pequena casa que alugara pra mulher e filho em Recife já exigia os pagamentos ou então: rua! Despejo! E pensar que ele estava tão distante de sua família, a melhor coisa que tinha, feita no circo mesmo, em Pernambuco, época de ouro..., não, não era possível, Pallocco pagaria, todos saíram pagos.

– Mas acertamos mês que vem, é que se te pago fico sem lucro, *bambino*, e ainda mais num te dou *trailer*, comida e tudo?

– Obrigado, Pallocco. Respondeu secamente.

Levantou-se. Cerrou a porta atrás de si. Ainda ouviu o italiano dizer baixinho: “*que palerma! Melhor achado do circo: um pedinte de sinal!*”. Contornou de volta o picadeiro apressadamente – sentiria alguma saudade apenas do riso sincero das crianças ingênuas. Olhou de canto a canto a arquibancada, aquele riso, aqueles risos...

Tudo estava vazio e silencioso.

Dentro apenas Pallocco e o completo nada, silêncio das horas mortas. Na parte de fora, nada que denotasse vida, a turma, sem maquiagens e parolagens de palhaçadas, resolvera gastar dinheiro num bar da capital federal.

Tomou dos instrumentos que havia preparado o dia todo. Voltou à sala do Pallocco. Olhou pra um lado e pro outro – ninguém. O italiano ainda contava dinheiro lá dentro. Do bolso do macacão tirou uma pequena chave, meteu na fechadura da porta, girou-a duas vezes. Saiu.

Rios de gasolina e querosene – o cheiro forte da vingança. Aquele riso todo ainda ecoava na mente dele, na barriga ardia a fome. Em sua mente, a família a passar necessidades em Recife..., “Pallocco, seu miserável!”, pensou. Ascendeu a centelha e lançou-a ao ar, num ato divino de destruição. Prometeu teria corado se visse...

Virou-se pelos calcanhares e andou, andou, andou, não sabia para onde, não sabia quando seria pego, não sabia se seria pego, não sabia se ao menos um dia veria sua família de novo. Faria o possível, o impossível...

No instante em que caminhava, ainda ouviu os gritos do italiano ecoarem nos desertos secos dos arredores de Brasília. O fogo consumia tudo. E, sem saber como, ele riu. Riu de gargalhar, é que agora entendeu aquele ditado popular que um amigo de Recife vivia lhe dizendo, muito melhor que o tal

provérbio da mãe que tinha lembrado mais cedo, que *alegria de palhaço é ver o circo pegar fogo*.

4

A AFOGADA (INTERMEZZO)

AO SOM DE YANN TIERSEN: “LA NOYÉE”

NO INTERVALO, ENQUANTO todos se reclinavam aos ouvidos uns dos outros em constantes comentários sobre as apresentações, aproveitou, puxou-a a si e deu-lhe o último beijo. Os dois lábios como rios em chamas. Em suas mentes, apenas o gosto doce das bocas ardentes, a grande lona ao fundo, como céu, iluminava seus rostos unidos e aquele *malestar* no peito, coração a mil...

Pai dela na terceira fila, bigode comprido, barba por fazer, defensor dos clitóris familiares, olhar ameaçador, família dominante na cidade, tratou de providenciar seu afogamento no espetáculo seguinte, enquanto o respeitável público dava urras de frenesi no show do mágico.

Por um instante, enquanto seus olhos abertos viam o fundo do riacho que ladeava a grande lona, pensou que a tinha ali também ao seu lado. E a ida, cuja imagem terrível ele tinha pintado antes como um quadro de Bosch, foi tão tranquila quanto sua chegada. Relaxou os músculos que se debatiam na água. Os jagunços olhando e rindo como animais sem razão. Desceu até o leito do rio e se incrustou na pedra, âmbar, fóssil, no para sempre.

Dia seguinte, pairava a moça sob a face das mesmas águas, como Deus, no princípio...

5

OS TRAPEZISTAS

JOÃO ERA MUITO entregue, todos diziam, e, em parte, poderíamos reconhecer como verdade esse estado de entrega tão comum ao João, e a culpa não era dele não, a culpa era de sua mãe que desde cedo entregou ele e uns irmãos para um circo que passava pela cidade.

Quer dizer, entregar é um verbo falso no caso, pois João não foi entregue, foi vendido, e não pense que a pão de ló, foi arrematado, como costumam dizer hoje em dia, em leilão oficial – isso lhe trazia um orgulho meio cambaleante, esquecido de porquês, mas real. Orgulho bambo de ter sido criatura leiloada. Parecia-lhe que havia adquirido a importância daqueles quadros raros que via sendo leiloados nos filmes de Hollywood que passavam na *Sessão da Tarde*.

No início, o chororô de João era tal que fazia pena; seu Abelardo, dono do circo, homem de negócios muito respeitado entre os desafortunados, vivia de lhe enxugar as lágrimas, repetia, repetia, repetia, na tentativa quase inútil de pôr na cachola do menino que a mãe, por mais que não tivesse razão, tinha lá alguma, e isso era justamente o que compunha a contradição do mundo.

– Dinheiro é a mola do mundo, menino... Sem dinheiro, o mundo não gira. Não digo que sua mãe está certa, digo que ela tinha necessidades, tu entende? Dinheiro é a mola...

Mas João, com seus dez anos feitos e muita sabença já tendo das coisas, não estava muito aí pra essas explicações mecânicas de necessidades, racionalidades, mundo e mola. O desespero de João, naquele início, era o seu e de seus

irmãos... Os menorzinhos foram comprados por um casazinho jovem a um preço que disseram bom por demais da conta, havia mesmo quem dissesse que os pirralhos passavam muito bem, pros lados de Santa Catarina ou do Uruguai, aquelas terras frias lá do sul e, sendo assim, até respirava mais aliviado (João era quase o pai dos meninos todos, menino crescido no juízo).

O chororô maior era por causa do José. José era irmão no igual, mesma idade de João, só que vindo do pai, irmão por parte de pai, postiço, como se diz, bastardo... Foi trazido novo pra casa deles, João também era novinho – nasceram em meses diferentes, um, em junho, outro, em julho, o pai tinha engravidado duas mulheres quase que ao mesmo tempo. Depois do abandono paterno, foi aquela danação, a mãe de João maltratando o José como o faz toda madrasta que se preze, tanto que o José tinha sido o primeiro a ser vendido, uma lástima.

Em que pesem os desprazeres maternos, José era o melhor amigo de João, assim esse último pensava, assim eles davam a entender na proximidade e união. João foi partido ao meio por uma faca peixeira com cabo de madeira de jacarandá: o irmão vendido pro Circo Calazans em maio. Logo em seguida, a fome apertou na meia-água pobre de novo, e fome, quando dá, escurece até o cume do mundo, dá aquele breu que faz a gente esquecer todos esses conceitos binários de deus/diabo, vida/morte, bem/mal, a fome como única coisa do mundo. Latejando no estômago ácido, amargando na boca e no juízo. Um ardor de fel de galinha na ponta da boca. Mundo zonzos. E aí foi a vez do João, em pleno Natal, Circo Ratatás.

O negócio foi feito com perfeição: a mãe de João precisava de dinheiro bom e seu Abelardo de um aprendiz de trapezista, pois, então, toma lá, dá cá. Trato feito. E foi João, naquele seu chororô habitual, pro caminhão de seu Abelardo, incerto da vida, mãe dele ao fundo acenando um tchau apagado, a mão magra balançando com dificuldade, o dinheiro como a mola do mundo... aquela cena como uma tela barroca, cheia de claro e escuro na cabeça do João... O caminhão partindo e a poeira do chão subindo, subindo, cobrindo sua mãe, cobrindo... Até que restou nada mais do que o que ela mesma era: apenas o pó, o pó amarelo escuro da estrada.

*
* *
*

Daí em diante, foram alguns chororôs e outros risos que, por sua vez, se tornaram cada vez mais constantes, é que a música do circo e os palhaços todos, tudo aquilo, uma atmosfera louca, inebriava o João, dava a ele certo sentido na vida. As aulas de trapézio se seguiram, um mar de perigos, tão interessante, sem falar que aquele frio na barriga que dava voando no ar, saltando as cordas, trazia nele uma lembrança de um ser que não era, na verdade, faziam esquecer a mãe, o dinheiro, a mola, o mundo e a poeira daquela surrealista e estranha tela de Baziotes... Havia mesmo quem dissesse que recordava outra vida, anterior, mas aí já são mais quinhentos!, não nos cumpre arriscar assim nas possibilidades.

O vazio de João mesmo era o irmão José, ele com uns quinze anos de idade, o irmão também, e o que tinha sido feito dele no mundo? A ausência como um buraco negro no peito que sugava a vida quase toda.

Isso durou até o dia em que seu Abelardo chegou, na reunião dos artistas do circo pra *feedback* e pagamentos, dizendo que o tal Circo Calazans estava posto à venda.

João sentiu um não sei quê por dentro, um completo *malestar*, tão grande que se arrepiou todo e não conseguiu esconder o desespero. O buraco negro havia engolido a si próprio e agora lhe restava um vazio ansioso de não se sabe o quê.

- Seu Abelardo! Seu Abelardo!
- Diga, João do trapézio!
- Compre o meu irmão pra mim!

Dizem que aquela cena de petição tinha arrancado umas lágrimas perdidas de umas bailarinas, não sei se sim, se não, dizem, fato é que seu Abelardo entendeu o processo de plano (não todo, como se verá, mas em parte) e perguntou ao João:

- Você permite que eu compre ele pro circo?
- Como assim? Pro nosso?
- Sim, pro nosso.
- Oxe, permito! – João abriu-se em riso – Permito, sim, senhor!
- Pois, então, se tiver à venda, tá comprado!

Não soube ao certo se ficou feliz ou se aquele “se” é que lhe causava tanta ansiedade, mas o fato é que, no dia seguinte, estavam seu Abelardo, o apre-

sentador Dodô Arantes e ele na lona do Circo Calazans, armada na praça de eventos numa cidadezinha chamada Itambé.

João, assim que entrou, sentiu um arrepio, a presença do irmão foi percebida tão logo ele se aproximara da lona, José, o Zé do picadeiro, porque atraía muito o público com saltos no trapézio e danças no picadeiro, estava lavando a lona por dentro, com esfregão e um balde d'água.

Seu Abelardo e Dodô Arantes, cheios de apresentações com seu Bené, dono do Circo Calazans, conversa vai, conversa vem, papo de donos de negócios. Um negócio não tão rendoso hoje como antes, mas um negócio. João foi se aproximando de fininho... José tinha sentido aquela coisa que a gente sente quando tem impressão de que alguém se aproxima, virou instintivamente para trás, e, agachado mesmo como estava, recebeu o abraço em cheio do irmão.

Passaram, ali mesmo como estavam, cinco minutos agarrados, não se largavam por nada, um tal de “meu irmão!”, “meu irmão!”, “meu amigo!”, “meu amigo!”, “meu amor!”, que ninguém chegava perto que seria ignorado, uma coisa bonita de se ver, uma alegria danada em esquecimentos dos outros, esses momentos alegres fazem da gente seres extraterrenos, não nos lembramos do mundo, das limitações do mundo, das molas do mundo, de nada que importe no mundo... Somos o instante não marcado do relógio distorcido de Dalí.

– Irmão, é? Perguntou seu Bené.

– Irmãos, sim, compadre, de mesma idade quase, ou melhor, quase nada, de mesma idade mesmo!

– E gêmeos?

– Não, não, por parte de pai, pelo que me disse o moleque. Parece que o outro é o filho da rapariga. Sei que foi o primeiro a ser vendido, normalidades, a mãe é tão desnaturada que vendeu as próprias crias, que dirá a dos outros!

– Hum, sei. O compadre sabe, né, que o Zé do picadeiro, além de bom trapezista e dançador, é um ótimo ajudante?

– Imagino, compadre...

– O pirralho fazia o povo rir, compadre, o circo lucrar!

– Oxe, tô sabendo...

– Pois é, num me leva o menino por preço baixo, não.

– Já imaginava, compadre, mais tenho cá uns trunfos pro senhor em troca do menino e, além do mais, o compadre não vai querer levar consigo mais

peso e gasto nesse trajeto de se desfazer do circo, não é mesmo? Enfim, vamos logo aos negócios!

*

* *

Mal chegados ao Circo Ratatás, os irmãos foram postos de trapezistas juntos, fazendo também algumas apresentações em comum no picadeiro, ficaram conhecidos como os *trapezistas dançantes*, saltavam do alto do trapézio, aparados por uma rede de proteção caquética e já caíam no picadeiro fazendo número de dança russa, esse mundo de pernas espalhafatosas no ar, em todos os cantos, como no sonho moscovita do *Pagode Russo* de Gonzaga.

O circo ganhava cada vez mais público em Goiana. Seu Abelardo engordava o bolso e os bigodes de tanta satisfação com os meninos, que, agora, já com seus dezessete anos, encantavam a plateia do alto do trapézio, pulando, seguros unicamente um pela mão do outro, pelo braço, saltos enormes e novamente seguros pelos dedos, dessa vez, um espetáculo. O faturamento do circo, altíssimo. Valera bem o dinheiro investido no José, era o que pensava seu Abelardo. Era o que pensava...

À noite, ao fim dos espetáculos, os irmãos se distanciavam dos artistas do circo, iam à orla de Ponta de Pedras e ficavam ali, olhando o mar, lembrando-se do passado, achando engraçado como tinham sido separados pelo dinheiro e unidos por nada mais que o dinheiro. “É, mano, parece que tá certo seu Abelardo, o dinheiro é mesmo a mola do mundo...”, “Pois é, mano, pois é, a mola...”

A brisa noturna do mar batia em seus rostos e eles sentiam que o mundo não existia atrás deles, que a vida era só aquele contemplar do mar e que o amor era a verdadeira mola do mundo, mola mestra. O mar e o amor, o amor e o mar.

Aquela felicidade toda durou até a noite em que o Tião Julião, assistente de palco com ganas de se tornar trapezista à força, apareceu repentinamente na praia.

Tião era pessoa difícil de se lidar, invejoso nato, gostava de solver dias e dias arquitetando modos de se mostrar melhor que os outros, era duramente repreendido por isso, uma vez que era tão somente assistente de palco, não artista de circo, ficava se mostrando no picadeiro fazendo graça pro público,

quando era só pra passar rápido e recolher um balde d'água ou uma roupa largada no palco e assim por diante.

Seu Abelardo vivia de dizer:

– Sobrinho, é o seguinte, tu é assistente de palco, tu recebe pra isso, se tu quiser ser artista de circo, digo a tua mãe e vou ver com ela se ela permite, porque tu é de menor e não faz nada sem que ela deixe, ela não quer que tu seja artista de circo, então tu não é!

E Tião ficava naquela inveja crônica daqueles dois irmãos metidos a besta que, muito embora tivessem a mesma idade dele, tinham liberdade de ir aonde quisessem e de ser o que lhes desse na telha.

A mente de Tião era como o Labirinto de Creta, e, desde cedo, ele tinha vocação a Minotauro.

– João e José são abandonados, Tião, a vida deles é deles, ao contrário de você que tem mãe, tio, tem de tudo, então se emende!

Tião, no entanto, não se emendava. Vivia sonhando com uma liberdade idealizada, sem saber das mais complexas responsabilidades que ela lhe traria. A liberdade como uma sentença de condenação.

No dia em que resolveu seguir os irmãos trapezistas, o fez determinado: “vou desmascarar esses cabras!”, há muito, já achava estranho, estava, na verdade, predisposto a isso, sua inveja era tanta que precisava tentar, precisava solver sua dúvida num riso horrendo do jeito de Drácula. Teria o lugar deles, e se não tivesse, veria que o lugar seria mesmo é de ninguém. Ou tudo, ou nada!

Na praia, à noite, o vento frio refrescava o corpo e a mente, os coqueiros balançavam-se ao vento numa dança cromática, e o vento sussurrava aquelas sílabas repetidas, cheias de vogais... O mar estava calmo, embora as ondas fizessem forte o seu barulho habitual, a maresia relaxava os músculos, no horizonte, as luzes fracas e amareladas dos pequenos barcos de pesca desafiando o poderoso mar em nome da alimentação cotidiana. De resto, o completo escuro do mar à noite.

Tião foi seguindo determinado, a passos firmes até bem dizer a beira da praia, onde tinha um elevado de areia coberto por uns capins secos, pedras escuras e sargaço. Encolheu-se ali e filmou.

*

* *

Seu Abelardo quase teve um enfarto. Aceitava de tudo, menos aquilo, todos sabiam que agora dera pra religioso, frequentando já há um tempo igreja evangélica que lhe tirava dez por cento todo mês do rendimento do circo, em nome de Deus. O que fizera, fizera como bom cristão e homem de negócio, mas aquela pouca vergonha não admitiria. Um sacrilégio! Um sacrilégio!

– Mas, Abelardo, te acalma, homem, afinal, são meio irmãos..., pode ser que nem sejam irmãos mesmo!, sabe-se lá de onde trouxe a criança aquele bêbado desgraçado que dizem ser o pai de ambos...

– Dodô, não me venha com essa. Não me venha com essa. Agora entendo o chororô, todo aquele chororô...

– Abelardo, seu sobrinho não é de confiança, tu percebe o que o menino foi capaz de fazer pra ter o que quer?

– Dodô, até hoje tenho você em estima, como amigo mesmo, de longa data. Não jogue isso fora por causa desses dois.

Dali a umas semanas, seu Abelardo vendia José para o circo Mirante do Pará. João, em castigo, não foi nem vendido, foi dado ao irmão de seu Abelardo, Abel, que tinha um roçado em Timbaúba, iria trabalhar a troco de comida e dormida e “ver se virava homem”, como tinha dito o tal do seu Abel, na cara do rapaz.

João e José, pobres trapezistas, pobres coitados, conheceram esse gosto sádico que a vida tem de bolar uma peripécia bem na hora do clímax da alegria. Alegria e tristeza, tudo misturado num mesmo balaio patético e sem razão. O mundo como o Gran Circus Búzio Oco!

E ficavam ao longe, lembrando-se um do outro, na espera do dia em que, de maior, estariam livres para se reencontrar e mandar todos pros infernos.

Quem lhes perguntasse como se procedeu, se eles não se sentiam arrependidos de ter perdido trabalho tão bom, onde eram bem pagos e tudo, eles diziam unânimes, como se houvessem ensaiado resposta, mesmo sem saber que a davam em conjunto, que não sabiam, que foi acontecendo, que amor com amor se paga, e que depois do primeiro beijo, outros vieram e sentimento é coisa que não se racionaliza, que dinheiro, malgrado fosse a mola do mundo, não era a de seus corações.

Suas mentes giravam como dois trapézios que se encontram no ar... Ser feliz não é o que importa? O mundo? Ah, o mundo que vá pro inferno!

6

A MULHER BARBADA

“A maior pena que eu tenho,/punhal de prata,/não é de me ver morrendo,/mas de saber quem me mata”

Cecília Meireles

“Morrer não é nada; horrível é não viver”.

Victor Hugo

SENTIU UM ARREPIO cortar-lhe a espinha, levantando-lhe os pelos todos de alto a baixo, os poros da pele se avistavam dilatados, do jeito que ficam quando vemos ou sentimos um fantasma, segundo dizem. Seus olhos viravam como os de uma louca, seus cabelos assanhavam-se num frenesi gritante... era a imagem fiel e sensual de uma falsa Bruxa de Salém...

E ele passava o rosto com sua barba rala, sempre por fazer, em todo o corpo dela, enquanto ela sentia aqueles arrepios boníssimos, uma sensação de prazer tomando-lhe o corpo recém-desnudo ali mesmo na sala...

Parou um instante. O som aumentando bruscamente, de repente, o ensurdecedor barulho daquela multidão de risadas de todos os lados, sentiu-se um pouco tonta e surpresa, às vezes, tinha aquilo, ali mesmo, na hora da apresentação, na frente de todo mundo, pagava aquele mico... Mico? Por Deus! Seu trabalho em si já era um mico!

Focou, ainda meio grogue, no velho sentado na primeira arquibancada bem em frente ao picadeiro, um velho do estilo rabugento, seus lá oitenta e lá vai o trem de anos, ria tanto o tal que a dentadura pulou-lhe da boca murcha indo parar no chão, bem quase em seus pés, no picadeiro. Ela riu. Ainda conseguia fazer isso... Foi até a dentadura e dum chute inesperado pôs de volta na boca do velho.

O circo, de pé, aplaudia, enquanto o riso ecoava de ponta a ponta do lugar. O velho, atordoado, sentiu uma dor de se mijar, não sabia se a esculhambava ou se apertava as bochechas vermelhas do choque.

– Ora, Rita, veja bem, você é um estereótipo em pessoa! És gorda e barbada, que queres mais? Personagem que não arranque riso dos outros? Hum! Pelo amor de Deus! Vamos ser francos, né? O que há de mal numa barba? Nada, desde que não esteja em uma mulher! Então, seu número é esse mesmo, se quiser continuar com a gente. Pô, Rita! Todo mundo gosta da tua apresentação! Fazer isso comigo..., com o circo todo! Por causa de uma puta barba! Puta merda! Esquece isso, esquece isso que aconteceu, tá?! Gi...

O silêncio e o espaço comprimido do *trailer* comprimindo-lhe as ideias... Seu Manoelzão, atônito ante a mulher, que esperava a continuação daquele nome iniciado... Os argumentos faltantes, a mente lá e cá, cá e lá, um vem e vai terrível, pensando em tudo e em nada, em tudo ao mesmo tempo, uma desventura de coisas.

– Olhe, faça o seguinte, vá pro seu *trailer*, tome um banho, relaxe, reflita e depois venha falar comigo, ver se é isso mesmo o que você quer, ok?

Levantou-se com muito custo, não soube como conseguiu chegar até a porta, olhou de relance e ainda reparou no olhar meio enojado, meio de pena, de seu Manoelzão...

Foi naquela feira de domingo, em pleno Mercado de São José, aonde tinha ido com a mãe, que viu, pela primeira vez, o olhar enojado dos outros... Quem dera se na vida a gente vivesse como quisesse até a hora da morte, num eterno “*fi-lo porque qui-lo*” janiano!, mas não, a gente nasce e tem que engolir um código inteiro de conduta! E lá estava ela, Rita Oliveira Dias, a adolescência toda se sentindo feia e gorda por causa dos outros!

Fase ruim, fase ruim demais pra lembrar ali, assim... Seu Manoelzão não tinha culpa... As pessoas não têm culpa? Qual o quê! As pessoas são as maiores culpadas! Ninguém pede pra nascer, ninguém solicita o tal código de conduta, as pessoas fazem, as pessoas empurram ele goela adentro, as pessoas... Sim, os outros são os grandes e maiores culpados! Pensava. Os outros são os piores! Os outros são o Estado, a lei e o cumprimento, a pena e a descrença, o amor e o ódio, mais este último que aquele, às vezes. Mas ela esquecia que os outros são

a delimitação de nosso próprio eu... Que sem os outros... Ora, sem os outros, nada seria mais que o vazio de nosso ser.

O *trailer* que ocupava perto de uma ribanceira tinha como únicos móveis a cama forte de jacarandá, não sabia como ele tinha conseguido de madeira tão boa e cara por ali, um armário improvisado pras coisas de cozinha, um fogão a lenha, pra se ligar nas noites de frio, e o banheiro estreito demais pra ela entrar... De confortável: o tapete onde ela roçava os pés todas as noites antes de dormir.

E era enquanto roçava os pés que tinha aqueles arrepios que a faziam voltar àquela época em que o encontrara, em que passara a receber, com as chamas do corpo acendendo-se uma a uma, aqueles alisados da barba rala dele.

Pai dela revoltado com aquelas decisão louca da vida, de sair, assim do nada, sem mais nem menos com o argumento de viver a vida, de seguir o circo...

– Que merda nenhuma, Rita! Viver a vida! Viver a vida... Tu quer é ser mulher da vida, sua sem-vergonha, uma vergonha pra família, puta de circo!

– Não fale assim, Germano, deixe nossa filha se explicar...

– Pai...

– Trate de calar a boca!, tem explicação não. Tem explicação não... Se sair, não volta. Se sair, não é mais minha filha!

Aquele velho risonho da dentadura lembrou-lhe seu pai... Pensando bem, com que cargas d'água é que conseguiu encaixar o diacho da dentadura na boca do velho num chute só?! Pirlimpo vivia dizendo que ela devia de ser mágica, imagina só, a mágica Rita Karkarova! Pirlimpo era mesmo um palhaço! Um palhaço muito do engraçado e um amigo de verdade.

Pensando bem, o velho que a perdoe, mas estava quase fazendo uma represália contra o pai, quem manda serem tão parecidos...

Já havia anos que não via o velho, dele não sabia mais nada, não era mais filha, tinha pai, mas não era filha. Filha mais não, “puta de circo”. Velho ranzinza, depois da morte da mãe, a obscuridade total, estava só no mundo... Ainda bem que tinha vindo com o circo.

O circo era que lhe pagava o pão, apresentava-se hora sim, hora não nas cidades do interior, na capital, ninguém mais quer ver circo, as pessoas se dis-

traem com cinema e, quando muito, teatro; circo, circo bom mesmo, só certo circo francês que cobra o dinheiro de milhares de quilos de pão...

Quem lhe trouxe? O *Homem Elétrico*... Ô rapaz eletrizado! Foi quem primeiro ensinou a Rita como é o amor que a gente sente sem ter nada a ver com nossos pais... O rapaz eletrizou-lhe o clitóris, verdade seja dita, mas mexeu bem mais que a pele. Trouxe-lhe de volta a autoestima.

Sentia um arrepio cortar-lhe a espinha, levantando-lhe os pelos todos de alto a baixo, os poros da pele se avistavam dilatados, do jeito que ficam quando vemos ou sentimos um fantasma, segundo sempre dizem. Seus olhos viravam como os de uma louca, seus cabelos assanhavam-se num frenesi gritante de quem geme baixinho...

Ele passava o rosto com aquela barba rala, por fazer, em todo o seu corpo, enquanto ela sentia aqueles arrepios boníssimos, uma sensação de prazer tomando-lhe o corpo recém-desnudo ali mesmo na sala. Ele era elétrico mesmo! E pensar que seus pais acreditaram naquela velha história de que ele era só um colega de colegial indo fazer um trabalho da escola...

Mas, também, depois de eletrizá-la toda, logo justamente no depois, aquela história de partir com o circo, seu Manoelzão tendo problemas no caixa...

O pai dela, da janela, sem nem acreditar, putado da vida, e ela indo-se embora na lambreta velha com o *Homem Elétrico* do circo!

Gino era um homem com toda a força da palavra, um deus grego e um algoz, tinha fantasias sexuais terríveis, sádicas, elétricas e, mais que isso, eletrocutáveis. Com ele, Rita aprendera não só o prazer de amar e o prazer do amor, como também que a vida, essa sadomasoquista da Ilha de Lesbos, tanto dá quanto tira, aquele velho ditado ouvido muito nas missas, que, comumente, excita as beatas hipócritas e rijas: “Deus dá, Deus tira”, numa justificação eterna da miséria de Jó...

Assim que chegaram à primeira cidadezinha, não sei se Gravatá ou Garanhuns, construíram logo um personagem inteirinho para Rita, afinal de contas, não poderia estrear no circo como uma cigana, sem ofício. Seria a *Mulher Barbada*, parceira do *Homem Elétrico*! Pirilimpo que emendou melhor o negócio: O *Homem Elétrico* e a *Mulher Barbada*! Tudo isso porque tinha buço espesso.

“Buço e banha, tudo o que faz as pessoas rirem!”, tinha dito o seu Manoelzão naquele seu humor ácido e sem noção. Apresentou-se muitas vezes com o

Gino, eles dois, ela e ele, até que começou a perceber que, se em todo coito que tivessem ela saísse ferida, terminaria morta, ela mesma, Rita Oliveira Dantas, mortinha *da silva* e sem enterro marcado!

Foi aí que tinha decidido falar com ele, amenizar as coisas, evitar o pior... Mas Gi... Gino parecia estranho, estava cada vez mais irritadiço, esbravejante, calculista e, até mesmo, malvado. Foi aí que, naquela noite, resolveu transar com uma peixeira em punho...

Rita... Como posso dizer? Rita sobreviveu...

Seu Manoelzão foi quem disse aquelas palavras solenes quando viu o corpo sangrado no chão do *trailer*... “Gino está morto. Acabou”. Até hoje, ela escuta a densidade gutural daquele “acabou”, como no dito de Mefistófeles: “Acabou, palavra tola!”

Por isso, não queria, ao menos não mais, fazer aquele número degradante de sua pessoa, de sua condição, de sua história com o Gino... Gino era louco, dos loucos que só se mostram no depois... Ah, Deus, ah, vida! Como ela amava o Gino!

Ali, sentada na cama, roçando os pés no tapete, sentindo ainda viva a barba rala de Gino passear sobre seu corpo, foi que Rita viu o seu último gozo, vermelho, quente e fedido, seu sangue escorrendo sobre o corpo... Quando deu por si, o susto: era ela mesma a assassina.

No tapete felpudo, a peixeira, lâmina afiada, punhal de prata.

7

O MÍMICO

“O SEU SILÊNCIO ERA A MAIS COMPLETA CONFISSÃO”

ALEXANDRE DUMAS.

I

O SUOR LHE lavara todo o corpo, o oxigênio já escasseava e ele já tinha algumas alucinações quando conseguiu romper parte da barra de madeira lateral, pondo para fora os pregos aos socos. Suas mãos já estavam lavadas em sangue e seu corpo conseguia uma agilidade inimaginável, era como se gritasse por socorro em silêncio – afinal, quem o poderia ouvir?!

Nos instantes seguintes, enquanto o suor continuava a descer por todo o corpo encharcando os cabelos da cabeça, fazendo-lhe coçar o púbis, deixando-o completamente irrequieto, seu cérebro parecia despertar uma energia guardada, nunca antes utilizada; mas ele não tinha tempo de vangloriar-se.

Os socos secos e seguidos romperam um lado, depois outro, e a areia começou a entrar. Tinha menos de alguns minutos para agir e agir rápido antes de ser completamente engolido. E ele não pensou, ao menos não conscientemente.

Nos momentos de grande risco, parece que algo encoberto brota de dentro de nós e nos socorre; esse “algo” alguns chamam “Deus”, outros o acaso. Mas esse “algo”, na verdade, somos nós mesmos, nosso eu oculto. Aquilo que há em nós para além de nossa compreensão, de todo bem e de todo mal.

Em minutos, da linha do horizonte coberto da escura terra, um punho fechado brotou do acaso...

II

– É o quê, menino?! Bernardino? Ah, meu filho, Bernardino guarda segredos que nenhum de nós é capaz de sequer imaginar!

– *Aff!* Como você exagera, Plínio! Bernardino é um pobre diabo que um dia teve sorte de se deparar com o Gran Circus Arepas!

– VIVA! Disseram todos os presentes, à exceção de Plínio, que agora assumia um tom mais grave no olhar.

– Meu caro, vou lhe dizer uma coisa, meu número é dar murro em pontas de facas e fazer outras coisas inimagináveis ao grande público. Salto e danço e me divirto divertindo a todos, isso faz parte, de certo modo, de mim mesmo. Algumas pessoas, às vezes, me param e me perguntam o segredo, o que está encoberto, qual o truque... Sabe o que eu respondo? Que nem eu mesmo sei o truque.

– Ora, que humilde! – seguiu-se uma risada em todo o pátio.

– Não estou brincando não, meu filho. Eu tenho um dom. Ser espontâneo, alegre e conquistador são meus dons descobertos, já os encobertos, que me fazem aguentar as pontas das facas e as outras loucuras..., ah, meu caro, aí é mais quinhentos! Sei não como que... Outro dom que tenho é o de sentir as coisas densas e tenebrosas e o Bernardino carrega alguma coisa nele que me dá arrepios...

– Talvez seja a virilidade.

Debaixo de riso geral, Plínio lançou um olhar perdido e encontrou inesperadamente a cabeça de Bernardino que de dentro da lona espionava a conversa. Os olhos escuros do mímico atravessaram-lhe a alma, e Plínio sentiu-se fuzilado, dentro de si, como se descoberto.

Seu coração disparou com um palpitar lancinante, como se o olhar do mímico fosse o prenúncio de alguma coisa de muito ruim que lhe aconteceria... Mas ele baixou os olhos, sacudiu a cabeça e, quando tornou a erguê-la, não mais voltou a avistar a presença de quem quer que fosse pros lados da lona.

– Deixe disso, Plínio, Bernardino é um pobre Pierrot, um pobre e completo Pierrot que se esqueceu de encontrar sua amada Columbina!

– O problema talvez seja esse... A Colombina...

– Que quer dizer?

– Nada...

Naquela noite, ainda sonhou que estava preso a uma caixa da qual teria que livrar-se antes que se sufocasse em razão do pouco oxigênio dentro dela, e que, para além do picadeiro, podia sentir, ao rufar dos tambores, as expectativas da plateia em êxtase, aguardando que, milagrosamente, como tudo que acontece em circo, ele saltasse da caixa com os braços erguidos como os de um *Superman*.

O tempo passava e, enquanto ele remexia-se todo no interior da caixa, procurando as chaves que, colocadas ali de propósito, seriam a única explicação ao milagre, sufocava-se pouco a pouco. O suor lhe lavava todo o corpo e ele acordou dando um berro após sentir-se morto no sonho e ver que as chaves estavam de posse de Bernardino, que a tudo assistia da primeira cadeira na plateia, com o sorriso de Arlequim, roubado de quem? Do Plínio!

Olhou ao redor: apenas o *trailer* silencioso e a bruma lá fora. Tornou a dormir pedindo a São Dimas o sono dos justos, com ressalvas claras de não ser o eterno.

Mas, quando estamos cientes de nosso crime, ou mesmo de nosso erro, ainda que simples, a mente lateja acusando-nos como se fosse ela mesma membra honorária do Santo Ofício, senhora absoluta do *Parquet* da moral. Naquela noite, ainda Plínio ergueu-se três vezes de madrugada andando de um lado a outro do *trailer* enferrujado, bebeu um pouco de água, estralou os ossos, e voltou a deitar...

III

Emily conseguira com aquele beijo torná-lo feliz. Ele que há tanto tempo desejara apenas o amor daquela mulher... A bailarina mais bela que já adentrou as portas de um circo. Emily tinha um sei lá quê que deixava muitos dos atores do circo, uns pobres palhaços, de queixo caído, até o seu Pochet, velho apresentador e dono do negócio, ficava meio levado com aquela mulher.

Nela tudo eram encantos. Seus passos, o modo como andava, uma forma elegante de bailarina, uma leveza sem igual, e aquele coque dela, todo enfeitado de flores brancas, mostrando sua nuca alva como o mais branco dia de neve da Renânia, enquanto os negros cabelos faziam o belo contraste. Emily era a representação em carne e ossos de um dia frio ao som de Chopin... Emily

era mulher de perdição, de perder-se amando. Olhar aquela mulher e não ter vontade de ser (ou de, ao menos, fingir ser) romântico era impossível. Amor não espera raciocínio, mata inesperadamente, e, se formos felizes nele, sentimento-nos redivivos, como o nazareno no dia terceiro.

Assim foi que, desde a chegada de Emily, o Gran Circus Arepas teve aquele colapso que a beleza de uma diva traz. Saiu das espumas do mar diretamente para o circo, era a impressão que tinham. Vênus. Já haviam passado pelo circo mulheres muito mais experientes e bonitas, mas aquela tinha uns atributos inexplicáveis. Uma candura saudosa, congelável, meio Medusa às avessas...

Foi muito rápida e intensa a paixão de Bernardino. Ele que já era romântico não conseguia mais ficar tranquilo como sempre fora, vivia de andar para um lado e para o outro, à procura de um sossego que seu coração não tinha mais. Fora tomado de assalto. O amor como contrário da paz.

Bernardino era um dos poucos surdos-mudos que existem que não falam uma palavra, nem ouviam nada, muito embora, fosse muito divertido, um completo brincalhão, quando seu caminho cruzou com o do Gran Circus Arepas, seu Pochet não teve dúvidas do personagem que ele interpretaria: “Pierrot, com toda certeza!”. E foi.

E, desde o dia em que ganhara o personagem, parece mesmo que se transformou nele, como se, na ausência de ser alguma coisa, pudesse criar um ser, ainda que inexistente para si. O personagem de Bernardino preencheu uma lacuna na sua vida. Ele, descoberto por si mesmo no papel, incrustou-se nele como se incrustara na vida ao nascer.

Assim, contando com suas normais habilidades para os sinais, empossou-se como mímico Pierrot no Gran Circus Arepas. E foi feliz, até que Emily chegou.

Foi assim que, naquela tarde de domingo, enquanto passeavam na beira do rio, à cata de peixe, Bernardino confessou-se a Plínio, seu amigo desde o início no circo. Fez no ar o sinal de um coração, de uma flecha e do nome, soletrado, E-M-I-L-Y. Plínio compreendeu mais rápido que a luz, mas fez-se de desentendido e desandou para outras bandas os sinais da conversa.

Desde esse dia, não foram mais amigos, coisa pungente.

Bernardino não sabia a razão do afastamento de Plínio, mas não tinha muito tempo pra compreendê-la, pra sequer pensá-la – Emily urgia em seu

peito, em seu coração... Era a sua Colombina por fim encontrada. E, pior, a diva era completamente ausente desse intento do pobre mímico, que lhe parecia desde o início apenas um grande amigo. Um grande nada. O enorme vazio. O quinto elemento: éter.

E Bernardino ria, fazendo-a rir com suas mímicas. Enquanto Emily ria ainda mais, de se mijar, em seu interior, ele chorava um choro abafado de quem não tem coragem de se declarar... Um choro-soluço.

E, enquanto isso, Plínio sentia uma coisa estranha que nunca sentira antes na vida, mas que se fazia imperiosa: inveja do mímico bobo.

Todos diziam no Gran Circus Arepas que Plínio fora dotado pelos céus de uma voz belíssima, como um trovão, mais grave que a de Cidy Moreira, e ele se ria todo, gabando-se. E foi ao fazer um *intermezzo* entre sua apresentação e a de Emily que ele, ao apresentá-la ao público, a pedido de seu Pochet, sentiu que ela enamorava-se de sua voz...

E foi quando viu o sorriso malicioso da bailarina entrando no picadeiro, cruzando com ele, que percebeu que ela era, de fato, a *conditio sine qua non* de sua vida. Seu coração batia mais forte que uma alfaia louca em dias de maracatu. Sentiu seu peito inflar, ele mesmo, ali, *leão coroadado!*

Dali a outras apresentações, viera o beijo, inesperado, Emily tomando a iniciativa e ele sentindo aquele prazer dos diabos em tão só tocar-lhe os lábios... Pros lados da lona, a cabeça do mímico observava...

IV

O punho fechado, nada mais, no horizonte poeirento, por cima da areia escura. A força descomunal que fazia trazia para dentro do caixão ainda mais areia, ainda mais terra, e ele se sufocava, mas continuava. Era um titã. Tratava-se da vida; com a vida em jogo, qualquer larápio se torna mártir.

Em instantes, todo o seu braço saltava para fora, depois o outro. Com a força da impulsão dos dois, postos na terra, veio sua cabeça e ele deixou-se ficar ali, respirando fundo como se fosse seu último fôlego, debaixo do céu azul intenso, o último suspiro de um condenado. Sim, suspiros, para que palavras últimas?!

Sentiu-se vivo, vivo mais do que nunca. Nunca pensara que seria tão prazeroso dar-se conta disso..., estar vivo, assim, sem o mais.

Em poucos segundos após voltar a si... O ambiente... Onde estava? O que era aquilo no horizonte? Meu Deus! Meu Deus! Não conseguia exprimir outra coisa... Meu Deus! Deus é um clamor..., palavra bela que usamos em momentos ruins.

No horizonte e em todo o lugar, o deserto ríspido e seco do Atacama...

V

– Olhe, apenas lhe digo uma coisa, ah, meu Deus, você não ouve! Eu também não sei a língua dos sinais... Tudo bem, vou escrever isso no papel:

Olhe, não costumo fazer esses serviços, mas lhe devo uma, uma muito grande, e, por isso, vou honrar meu compromisso e livrar-me da dívida.

Na cara pintada de branco do expectador daquele diálogo escrito, um sorriso medonho misturou alegria, tristeza e certa desolação...

Mas aviso logo, caso perguntem por mim, você não me conhece de lugar algum! Tá, tá, eu sei que você está querendo dizer que me conhece desde há muito, muito tempo atrás, mas e daí?! A partir de hoje, nunca mais nos veremos, nunca nos vimos também. Ora, deixe disso! Você quer ou não quer a sua Colombina?

VI

Com a pouca força que lhe restava, Plínio conseguiu erguer-se e sentar-se na beira do buraco onde fora posto, dentro daquele maldito caixão. Estava esbaforido, cansado, acabado, não sentia mais as pernas e achava que era em razão do enorme esforço de ver-se livre daquele lugar abissal.

O ar estava altamente seco e ele já sentia sua garganta sangrar um pedido desesperado de água. Lembrou-se do beijo, daquele beijo tão molhado de Emily, de como poderia ficar beijando-a por toda a noite...

Lembrou ainda mais daquele dia no pátio do circo em que, conversando com o pessoal, sentiu-se fuzilado pelo olhar furtivo e inesperado do Bernardino pros lados da lona... Como ele seria capaz? Só pode ter sido ele! Meu Deus, e isso não é um sonho! Não é aquele sonho do *trailer*! Ele deve ter me dado algo pra beber sem que eu visse e...

– Socorro! Socorro! Alguém me ajude! Berrava como louco, até que parou. Lembrou-se que essas tinham sido as últimas palavras de Emily, debaixo das ferragens de seu carro naquela viagem que tinham feito...

– Meu Deus... O Bernardino nunca me perdoou, eu sabia que ele carregava alguma coisa de muito tenebrosa... Mas não foi minha culpa, não poderia ter sido... foi um acidente!

Enquanto falava consigo mesmo, sentia uma dormência enorme apoderar-se de seu corpo, como se estivesse repentinamente atordoado com um sono que se fazia imperioso, como se o próprio Morfeu lhe tivesse tomado nos braços e como se não houvesse mais nada a fazer senão dormir, dormir lentamente, ali mesmo onde estava.

Já não eram mais suas pernas que estavam dormentes, era o tronco, os braços, o peito, a mente...

VII

É, eu sei que tô escrevendo demais! Mas você não fala, rapaz!, nem ouve! Quer que eu faça o quê? Sinais? Ahhhaha, não sei nada disso não. Escrevo e pronto... Você sabe que ele, ali, não tem escapatória, né? Se não morrer no caixão, morrerá fora. O deserto é terrível e violento, o ar é tão seco que em poucos instantes o ser humano que se deixa ali, inerte, sem ter guia ou para onde ir, perde os sentidos e morre desidratado. Isso é fato notório, todo mundo já ouviu falar no mortal Atacama! Eu mesmo nem gosto de viajar por ali, vou pra levar aquela madame que quer conhecer e tal, e aproveito e deixo sua carga, quando a madame estiver entretida com os guias, ¡hablando español! Tá, eu sei que você é um maricas e que não quer saber detalhes, Bernardino, mas eu preciso saber se é isso que você quer. Você acha que ficará feliz com isso? Hã!, sei..., você nunca será feliz mesmo, né?! Sabe que partimos semana que vem, né? Ainda tem a complicação de ocultar o cara na área da bagagem do monomotor... Mas o Alberto consegue isso fácil, fácil... Então, é isso mesmo que você quer? Já tô cansado de escrever! O quê? O que está dizendo? Emil? Emily? Ah, sim, Emily. Sei... Tudo bem.

8

O EQUILIBRISTA

DE REPENTE, as pessoas, que àquela altura estavam extasiadas com tamanho número, se assustaram grandemente. Quem estivesse do alto, como ele, poderia ver o impulso inconsciente da plateia indo pra frente com uma mão no peito e outra nos olhos, tomada de grande e repentino pavor, como Moisés diante da visão do seu deus, comprimindo os olhos, querendo, mas sem querer ver.

A corda balançava mais do que o normal. Todos já tinham entendido que ele era capaz de ser grandiosamente magnífico, basta!, basta de dificuldade!, já é hora de descer!, já tá bom de descer! E ele, não obstante, não descia. Estava na corda, balançando-se como um aprendiz, parecia ter perdido o equilíbrio, parecia não ser um equilibrista...

Mas o que é um equilibrista? Um ser humano que tem a habilidade de se equilibrar. Pois, então? É um ser humano antes de ser um equilibrista, isto já basta. Mas na hora, depois de tanto frenesi do espetáculo circense, de tanta alegria e sorriso, vislumbre e nostalgia, depois de rufantes os tambores, as pessoas se esquecem, quase nunca se lembram, que os atores de circo são pessoas de carne e osso, sangue e sentimento, como nós. Às vezes, eles mesmos se esquecem.

E ele, Maximiliano Bernardo, já tinha se esquecido de sua condição humana há muito! Na verdade, fez parte de um processo pelo qual passou, o processo de ser alguém comum, querer ser diferente, atestar que é diferente,

tornar-se um artista de circo, querer ser melhor, tornar-se um dos melhores artistas de circo de todo o país, conhecido no mundo todo, praticamente. E a gente parece que, quando vai subindo essas escadas, vai esquecendo que um dia esteve lá embaixo, sonhando com as alturas, se nos lembrássemos desses dias oníricos, decerto valorizaríamos ainda mais nossa condição humana, mais do que nosso *status quo*. Mas, ora!, quem quer saber do passado pequeno quando se já é grande?!

Já não mais era o Maximiliano de antes, agora, era o grandioso King Max, o equilibrista! Sua chegada ao Gran Circus Majestic fora simplesmente pomposa, recebido com aplausos impostos pelo dono do circo a todos os artistas que, em fila, ombro a ombro, viram-no descer de um monociclo diminuto esboçando um equilíbrio e virilidade nunca dantes vistos!

Foi justamente nesse instante, engraçado esses instantes, mais poderosos que uma vida inteira, que Ana Alice sentiu um não sei quê por dentro dela... Não sabia explicar como e por que fora assaltada por uma excitação dos poros, uma vibração das cordas, um estufamento do peito, um bombardeio mais intenso de sangue pelo coração, uma sudorese terrível nas mãos, um cambalear das pernas, em suma, um *malestar*... Estava aflita, a pobre bailarina, e viu, com uma certeza típica da cegueira do amor, que estava diante da solução para os males de sua alma.

Dali em diante, era o amor declarado, estampado em seu rosto, em seus gestos, em seu interesse tão recentemente descoberto pelo equilibrismo. Mas que cordas firmes e cambaleantes!, mas que precisão no salto!, mas que firmeza de pernas e pés!, mas que medo horrível que você caia!, mas que..., mas que... E, enquanto isso, o grande King Max ria, ria de morrer, ele estava sentindo-se um pouco mais vivo desde que começara a ouvir todas aquelas exclamações vindas de tão bela moça...

E quando a gente se sente amado, bem amado, desejado, disputado, essas coisas, sabe?, sobe à nossa mente um prazer indescritível, que nos torna ainda mais viris, ainda mais firmes e atraentes... Não importa o que sejamos lá dentro, não importa o que escondamos nos porões mais interiores de nossa mente, tornamos-nos justamente aquilo que trazemos no peito: puro ar, éter! A máscara cumprindo um papel. O grande King Max mal completara dois dias de

chegado e já se sentia assim, o grande grandioso Great King Max! Os palhaços Lolli e Pop viviam de chamá-lo “o adorado das donzelas!”, se era!

Ocorre que no Gran Circus Majestic a única donzela, pequena *lady*, que ainda (r)existia era a Ana Alice. As demais moças, experientes na vida, entusiasmaram-se com o grande King Max, sim, mas um entusiasmo típico das regiões libidinosas! E ele, o ganhão equilibrista, soube servir-se de cada uma delas, soube apagar as chamas e evitar que aqueles calores queimassem a lona do circo.

Uma a uma, as mulheres renderam-se aos seus atrativos, ele já não era o King Max, o equilibrista, ele era Zeus fazendo-se de touro para sequestrar a belíssima Europa! Ele era um deus, um deus do Olimpo, do céu, de todo lugar onde habitem deuses! Mas não era um desses deuses mandões, figuras de pais estéreis, barbudos e sem tesão, não, não, era um deus sensual, todo interessado nos prazeres da vida, da carne, da forte carne, Eros, Kama, Júpiter, Exu e seu ereto falo... E o príncipe tinha como único princípio a irresistibilidade.

Enquanto algumas bailarinas, trapezistas e arrumadoras de cenas saciavam seus rios de desejo e êxtase sexual com o King Max, Ana Alice vivia pelos cantos, anotando o nome dele em folhas de papel que se guardavam em sua caixinha de joias, “Maximiliano Bernardo e...”, “Max e An’Alice, amor para sempre...”.

O pequeno Jota B assistia a tudo isso com um desespero no coração. O peito dele também estufava-se, mas era de um ar pesado, nebuloso, seu coração também batia, mas era de batidas que mais se assemelhavam a estacas cravando-se firmes no meio do peito... Suas mãos e pés também suavavam intensamente e também lhe faltavam firmezas nas pernas... Era uma revolução.

Parece que, às vezes, no mesmo lugar onde se instala o amor, se instala a discórdia, o primeiro pra uns, a última pra outros. Parece que a vida não dá ponto sem nó, e se existe mesmo um Cupido, ou Eros, como queiram, deve de ser um Jano bifronte, do outro lado, como, no Ying Yang, opera o mal.

Jota B não era pequeno por ser criança, mas por ser anão.

Anão de nascimento com toda aquela carga de explicação científica de elos e alelos, imperiosas, porém nem um pouco importantes para confortá-lo. Não entenda mal, não quer dizer que não fosse feliz por ser quem era, Jota B era feliz por ser anão, confortava-se com um “Deus me fez assim”, a infelicidade

dele residia naquela parcela de nossa felicidade que a gente deposita na atuação do outro, na existência do outro, na necessidade do outro. Jota B era o anão engraçado do circo, que ajudava no espetáculo do ventríloquo e fazia algumas palhaçadas no dos palhaços, era sempre o motivo do riso geral da plateia, principalmente quando interpretava o pequeno anão Jota, cheio de manias de grandezas..., o público ria porque não havia nexos em um anão ser grande.

O público não sabia que o personagem de Jota B era ele mesmo. E ria na cara dele. E ele mesmo ria, amargamente.

Entre os chororôs agora habituais de Ana Alice, sobrevinham uns soluços, uns soluços terríveis, cada vez mais profundos...

– Ele não me quer, Jota!... Ele não me quer!

– Não diga isso, Alicinha, você é tão bonita, tão linda, verdadeira, sensível, uma bailarina que consegue fazer os melhores *arabesques* que já vi!, você é..., você...

Olhou para ele e se riu, um riso maroto, estava apaixonada, não conseguia perceber qualquer outra afetação que não a dela, as palavras dele serviam de consolo, mais nada. Ele, percebendo, também riu. Aquele seu riso de sempre.

– Você é um fofo, Jota B, desculpa ficar enchendo sua cabeça com essas firulas minhas, só minhas...

E ele abaixou instintivamente a cabeça, cada vez que ela dizia que ele era “um fofo”, tinha vontade de explodir. Não queria ser fofo, queria ser amado.

A primeira vez que percebeu isso foi quando Johny, na pressa de sua estreia no Gran Circus Majestic, com a plateia lotando o interior da grande lona, se esqueceu do boneco! “Como um ventríloquo, em sua estreia, se esquece do boneco?! Puta idiotice!”, bradara seu Maneco, apresentador e dono do circo, nos bastidores. “Andem, arrumem um boneco, joga lá pra ele, arrumem alguma coisa!”. Foi quando de repente viu a coisa que já deveria ter sido arrumada: Jota B.

– Ande, meu filho, se imitar o boneco direitinho, além de te dar o papel de ajudante de ventríloquo, aumento seu salário, agora faça aquela plateia rir! Vá lá!

Ele foi. Ficou no colo de Johny e fez toda aquela *papagaiagem* que os bonecos dos ventríloquos fazem, até que, de repente, sem quê nem pra quê, saltou do colo de Johny, assustando a plateia inteira, justamente porque todos

juravam que era um boneco! Até o Johny, que já fazia o espetáculo com um costume habitual, maquinaalmente, quando viu o Jota B saltar, teve ele mesmo um sobressalto!

Depois do susto, seguiu-se o riso. A plateia inteira riu, riu, riu loucamente, houve até quem se mijou de tanto rir! Seu Maneco, quando soube, promoveu Jota B ao posto de assistente de ventríloquo e deu ao pequeno ser um salário digno de quem, no circo, faz a plateia rir.

Mas nada disso tinha pegado na sua mente, como pegaria na mente de qualquer um feliz com sua performance, promovido no trabalho. Na mente de Jota B, ficara apenas a imagem de Ana Alice, num canto da lona que dava para os bastidores, esperando sua vez de entrar, rindo de se matar, um riso bonito, cheio de dentes, dentes de fada... Naquele instante, vendo aquele riso, ele se apaixonou, sentia-se como se tudo e todos tivessem sido pausados no tempo, como se estivesse num universo paralelo, apenas ele e o riso de Ana Alice...

Como uma moça tão linda, tão angelical poderia se apaixonar por um bruto desmamado dos infernos? Era a dúvida de Jota B, dúvida interminável, daquelas que culpam a divindade pelo mal do mundo. E não obstante toda indiferença do grande equilibrista para com Ana Alice, ela somente amava-o mais e mais, sem ser de qualquer modo correspondida.

O grande King Max se apresentava e, em cada passada dele na corda, batia forte o coração de Ana Alice. Quanto mais alta a corda fosse posta, para que o público se admirasse, o coração dela mais apertado ficava, ela parecia não respirar... Jota B olhava o equilibrista do alto de seu brio e desejava que ele, de repente, caísse.

Foi então que, depois daquela apresentação, Ana Alice correu toda esbafo-rida e alarmada para o grandioso King, para informar a ele o quanto ela tinha ficado preocupada.

– Esquente não, boneca, é meu trabalho. Disse desdenhoso, virando-se para a trapezista loira, Edwirges, que havia chegado, dando-lhe em seguida um beijo estalado, bem na frente da pequena bailarina, que, envergonhada, saiu como se ali nunca tivesse estado. Num daqueles cantos, Jota B observava.

Todos continuavam boquiabertos, alguns não queriam nem ver, enquanto isso, no alto, o inferno... Ele já não mais se equilibrava, estava fora de si, como

que tonto, seus olhos se fechavam lentamente e ele não conseguia verter o intenso sono que dele se apoderou.

Seu Maneco, do chão, mandava já encostarem as escadas, colocarem a cama elástica em baixo, tirarem ele de lá urgentemente. As pessoas da plateia esbugalhavam os olhos, mas não saíam da lona, pareciam querer ver o desfecho do espetáculo. O grande ato do equilibrista...

Foi aí que o grande King Max cerrou os olhos. O seu voo foi alto e derradeiro. As pessoas berravam de medo e susto, seu Maneco desmaiou, Jota B, alarmado, parecia um louco, não sabia se corria para socorrer o resto do homem, como os outros, ou se... Quando, de relance, olhou, a um canto da lona, na parte de espera do próximo número, viu Ana Alice, com aquele mesmo riso de outrora... Não soube o que sentiu, mas não era amor.

9

Voo

PARA EDWEINE LOUREIRO

A ESCOLA CIRCENSE tinha sido um bom lugar... Por um instante, seus devaneios conseguiram encontrar um norte, um porto, um atracamento qualquer, qualquer lugar naquele mar de vastidão e loucura mental em que estava absorto naqueles dias. As escolas geralmente são, concluiu em seguida, não pelo que aprendemos nelas, tudo muito maçante, mas pelos amigos que conhecemos e por experiências como a Maria.

Maria... Maria era um ensandecimento que ele tinha. Mulher, em todo o aspecto forte e poderoso do termo, palavra que, parece, hipnotiza. A mulher mais determinada que um dia já conheceu, cheia de si, cheia de um declarado feminismo que lhe deixava ainda mais atraente... Uma trapezista!

Engraçado como esse nome dito assim deixava a mãe dela transloucada! Nunca aceitara a profissão da filha. *Trapezista...* Eles já tinham rido tanto disso num pretérito mais que perfeito que tiveram... lembrava. Na verdade, tinham sido apenas amigos – para Maria, uma felicidade só, para ele, angústia. Era esse o seu pretérito mais que perfeito: imperfeito. Mas, pensando por outro lado, ao menos, eram alguma coisa um do outro...

Os saltos de Maria eram tão perfeitos e calculados que se os organizadores de olimpíadas deixassem de ser pretensiosos e reconhecessem nas coisas de circo além de arte, esporte espetáculo, fariam isso só para satisfazer um intuito preconcebido de premiar com os louros de Maratona a diva trapezista. Maria era. O que estava fora dela não era. O que não estava em Maria não estava no

mundo. O mundo só é belo quando a nossos olhos ganha cor. Maria era a cor dos olhos dele.

As lembranças dela sempre eram determinantes, encorajantes, fortes, era uma amazona, seu signo?, se isso existisse, deveria ser o mesmo de Palas Atena, a diferença entre ambas era a lança e as armaduras; a lança de Maria, na realidade sua arma de guerra, era o trapézio, suas armaduras: as carnes duras do corpo.

Houve um momento quase fatal para ele, quando Maria, após um dia de exercícios e enquanto conversavam no quarto dela, dormiu. O corpo de atleta grega, espartana muito mais firme e rija que qualquer marmanjo da Hélade, refletindo os últimos raios amarelados do sol, o pequeno *short* que usava, todo florido (que contradição!, que bela complementação!), a blusinha quase transparente, os seios brancos e os mamilos rosados, de aço erguido, desafiando, desafetados de qualquer mansidão e pudor... Ele quando deu por si, já estava quase por cima dela. Maria, por debaixo, acordava de seu sono subitamente, num movimento involuntário de proteção, dando-lhe um soco!

Não mais tentou.

Eram amigos. Amizade é amor na igualdade, amor desafetado da posse e do sexo, dizem. Quando cravada na desigualdade dos sexos, das mentes e dos corpos, nada mais seria que um embuste de Eros... uma armadilha. Ele caíra. Ela, firme e forte, era Maria, isto é, ela mesma, a trapezista mais determinada e dura que já conheceu.

Por algum instante, naquela época, chegara até mesmo a duvidar do gosto de Maria, do desejo dela, de sua opção sexual, ri vagamente ao se lembrar disso. Pensou que Safo, na ilha de Lesbos, também devia ter sido muito bela e determinada... E esse era um pensamento que lhe consumia, que lhe engolia por dentro, que lhe queimava como um ácido sulfúrico cinzento, pastoso e destruidor...

Maria era um vulcão que crepitava dentro dele com larvas tão quentes quanto infernais. Naquela fase, ele estava em plena erupção. E aquele inferno era-lhe o céu.

A natureza parece que é má. Todos os seus hormônios desejavam Maria, todos os seus tremores internos, parece que ela tinha sido escolhida para a manutenção de sua existência, para a perpetuação de seus genes, de seu corpo,

de seu ser, perto dela, ele se esquecia de que um dia não mais seria. Ele simplesmente era, sem o quando, porquê, onde, pra onde, sem as idiotices da vida. E Maria? Maria era a indiferença travestida em amizade.

Suas dúvidas sobre Maria persistiram até que foram trabalhar naquele circo recém-chegado, chamado Grande Circo Brasileiro. Um nome pomposo bolado por um proprietário cheio de ego. Maria tinha sido contratada tão logo chegara. Na fila ainda, em pé, tinha chamado os olhares de seu Bernardo Brasileiro, o dono. Ele, sentado em sua cadeira, na frente de um birô velho e jocoso, levantou a vista e, em vez de dizer “próximo!”, disse “você!” e apontou pra Maria. Ela, sem medo nenhum, furou uma fila de dez pessoas injustiçadas e sentou-se majestosa em sua frente.

Contratada. Palavra bonita quando se precisa de dinheiro. Levantar-se e ir-se embora? Não, ela olhou para seu Bernardo com o carinho que um gato nos olha quando tem fome e pediu que também contratasse o melhor amigo dela. O velho proprietário olhou, calculou com os olhos, as pestanas trêmulas, deu um muxoxo e assentiu com a cabeça. Maria conseguia tudo o que queria, desde sempre, graças a ela é que ele também estava devidamente contratado e trabalhando naquele tal Circo Brasileiro.

Feliz? Não, não, o pobre estava era afetado com aquelas palavras terríveis: “melhor amigo”...

E agora o instante terrível! Nunca esquecia com rigor de detalhes o momento em que adentraram primeira vez a lona do Grande Circo Brasileiro... Seu rosto transfigurava-se no instante exato em que sua memória vaidosa o guiava para essa parte da história sua. Na transfiguração, nenhum rosto judaico-bíblico, mas Mefistófeles, ele próprio, rogando promessas faustas. Ficava cabisbaixo. Pensar que...

No momento exato em que entraram pela lona do circo, saía Marcos, o equilibrista. Maria e Marcos toparam-se um no outro. Não lembra se ela bateu a cabeça, se tinha tomado algum remédio com efeitos colaterais graves, se as pílulas anticoncepcionais que tomava desde o dia em que tinha transado com o rapaz que foi concertar o telefone na casa dela tinham lhe feito mal, ou mesmo se algum mau-olhado tinha sido jogado nela, mas o fato é que Maria o surpreendeu, o desiludiu, repentinamente, sem mais nem menos, como num

sopro de vento, levantando poeira, e folhas secas de árvores, num redemoinho, e o diabo no meio...

O diabo é a cara que temos quando desgostamos das coisas. Deus? É um clamor.

Mas ainda que clamasse, não haveria retorno ao eco de sua voz. Ela estava apaixonada. Perdida. Perdidamente. Doidamente. Severamente. Transloucada. O cupido encontrou-se com ela e as chamas que brotaram de sua seta eram maiores que as de Santa Tereza em êxtase!

Mas o que era aquilo? Tinham apenas se chocado, se topado, e já era suficiente? Ele que há tanto tempo a acompanhava, era o baú de seus segredos, o amigo, o irmão, o melhor amigo... A pessoa mais indicada para receber em cheio os dotes de seu amor, e ela, dura e impassível. Senhora de si, de sua vida, de seus sentimentos, de suas paixões mais secretas, determinada, feminista... Ora, esquecera-se de seu feminismo? Por que estava, então, tão vitimada com aquele homem que não lhe dava qualquer bola? Pensava. Poderia dar-lhe o braço, um dedo, qualquer coisa baixa que demonstrasse indiferença, mas não. Ante o amor, a gente é... Não é.

Marcos era também determinado, impassível, senhor de si, de seus sentimentos e de suas paixões. Nada na beleza de Maria, na essência de Maria, nas curvas de Maria, na existência de Maria, no firme modo como saltava no trapézio, de sua firmeza, nada em absoluto afetara sequer de longe o ímpeto de Marcos. E Maria, não obstante, só falava dele, só notava ele, só queria ele, só pensava nele...

Lembrou-se que teve um momento em que ela chegou com uma história de que tinha sonhado com ele, e naquele instante já não aguentou mais! Levantou-se, virou-lhe as costas e saiu. Maria era um colibri no trapézio, leve e firme, mas um colibri que voara para outros braços. Os seus, há tanto abertos, esperando, ansiosos, enquanto dizia para si “vem, colibri”, mas ora!, o mundo dá voltas e numa dessas voltas a gente cai. Mas o que o deixava ainda mais preocupado era o fato de que os braços que a recebiam não estavam abertos. Ele a amava, pensava em seu bem-estar, se não seria com ele, ao menos que fosse com o outro, mas o outro...

Foi aí que aquilo... Ri amargamente até hoje quando se lembra disso. Assim, de supetão! Inesperadamente, de repente, num susto do qual até hoje não se

recuperou, empalidece sempre que lembra: Marcos estava apaixonado também, repentinamente, imensuravelmente, intensamente, de supetão, depois de um rápido choque, na entrada da lona do circo..., só que por ele.

10 | O MENINO

ANUNCIARAM O CIRCO a semana inteira na pequena rua de paralelepípedos onde ele morava.

– Esses merdas tão é querendo furtar dinheiro da gente! Quem já viu, ficar anunciando circo a semana interia! Puta merda! Vou dar parte na polícia daqui a pouco.

Pai dele vociferando sibilarmente o ódio a toda aquela magia, incrustada naquele cartaz do Grande Circo Estrela. “Tia, ouvi os meninos dizerem que o dono é russo!”, “Qual o circo que não tem dono que se diga russo, menino?!”, “olha só, um circo russo...”, ele ficava dizendo consigo mesmo, ainda mais ansioso, ainda mais curioso, ainda mais...

Como seu pai poderia ficar tão chateado com uma coisa tão boa como um circo? Ficou matutando, na verdade, sempre matutava isso enquanto dormia, olhando janela afora. Do outro lado da campina, avistável de sua pequena janela de madeira, o circo levantava estacas. O coração dele batia mais forte que as marteladas dos operários.

Foi aí que veio com aquela:

– Pai, posso ir no circo?

– Se me perguntar de novo, fica de castigo. Agora some daqui! Vai fazer a tarefa.

Subiu as escadas que levavam ao seu quarto, todo cabisbaixo, mofino, como se diz, trancou a porta, sentou na cama e se pôs a matutar.

“Não percam! Não percam! Sexta-feira, sem falta, é a maravilhosa estreia do Grande Circo Estrela! Um circo estelar! Pâm, pâm-pâm, pâm-pâm-pâm-pâm-pâm-pâm, Pâm!” A música ficava na sua cabeça, todas aquelas batidas, a imagem das pipocas, das comidas, dos palhaços, da alegria, do mágico!... Todos os amigos iriam... Mas ele...

Matutou ainda mais por muito tempo, até que se decidiu: seria o filho rebelde, levaria uma pisa horrível de criar bicho no couro, mas iria! E depois, a pisa depois passava, o circo seria uma lembrança daquelas!

Sexta-feira, sete da noite, lá estava ele pulando a janela, a porta do quarto trancada, a janta tomada cedo ainda balançava na barriga, dentro do peito um estufar de ares que nunca tinha sentido antes. Não sabia como seria, mas, por via das dúvidas, trouxe todas as suas economias dos dois porquinhos, para o caso de comprar pipoca doce e maçã do amor... “Dizem que, se a gente presentear uma menina com maçã do amor, ela gama! Já sei até quem vou presentear...”

Nas portas do circo, o preço da entrada. Ali compreendeu a raiva do pai: “oxe, a gente paga até pra rir!”. Pagou. Sobrou pouquinho, quase nada, comprou pipoca doce, não deu pra maçã do amor. Encontrou uns coleguinhas. Sentou-se junto. Dali a pouco começava o espetáculo.

Em todo espetáculo, apenas os seus olhos arregalados, enormes, já seriam suficientes para iluminar todo o circo, ele estava admirado com toda aquela festa, toda aquela beleza, maravilhas e... e...

...E a Aninha também estava lá. Quando o viu, subiu uns dois degraus da arquibancada e sentou-se ao lado dele.

– Me dá um pouco de pipoca?

– Hã? Pipoca? Sim, claro! Tá doce! Tá é gostosa! Disse todo desajeitado, daquele jeito que mulher, desde menina, nos deixa.

Ela, toda contente, deu-lhe um beijinho na bochecha, ele, sem acreditar, quase se derreteu feito o Leite Moça da pipoca!

Findo o espetáculo, o coração estava tão cheio de alegria que parecia não bater mais, de tão rápido que era. Fora ótimo! Principalmente os abraços e apertos que a Aninha lhe deu no ato do engolidor de espadas!

Saiu da grande lona todo pomposo, tinha esquecido de todos, do mundo e até de como veio parar ali. À frente, poucos metros depois da catraca do circo,

seu pai lhe esperava de cinto na mão, mostrando a fivela e uma cara de fera indomável.

De repente, sentiu no peito um atordoamento, na mente uma confusão de sentimentos, só pôde dizer: “Ai...!” , tinha se esquecido da pisa.

“The act over”.
CHARLES CHAPLIN,
The Circus.

POSFÁCIO

Pelo escritor Edelson Nagues

DESVENDANDO OS BASTIDORES

O circo é um mundo. Ou o mundo é um circo. Pelas ruas apinhadas de gente, cruzamos com palhaços, mágicos, trapezistas, mímicos, ventríloquos... Papéis diversos que assumimos nos variados desafios que o viver nos impõe. Equilibristas das finanças curtas, inventamos mágicas para pagar as contas... Na tentativa de romper as barreiras da comunicação – tão ampliada e, paradoxalmente, limitada nos tempos atuais –, fazemos mímicas confusas, manipulamos bonecos humanos para dizer aquilo que não temos coragem de expressar de viva voz... Finalmente, somos palhaços sem plateia, restando-nos apenas rir de nós mesmos, não nos levar tão a sério, para que a vida não se torne um fardo e, ao fim, a terra nos seja leve...

Talvez por isso mesmo é que o circo exerce sobre nós tanto fascínio, provoca tanta paixão. Reconhecemo-nos em cada artista circense que se reveza no picadeiro, levando ao paroxismo as implicações de cada papel que lhe/nos é atribuído. O circo está em nós – e nós estamos no circo. Irreversivelmente.

E assim como o circo, o mundo é um jogo de aparências, um grande teatro. Circomundo. O espetáculo grandioso que se desenrola à nossa frente encobre as pequenas tragédias pessoais que ocorrem nos bastidores... A vida de verdade acontece nas raiais de uma improvisada coxia ou na penumbra de um *trailer*, onde paixões arrebatadoras e interesses nem sempre louváveis se revelam.

Da mesma forma que a história de fato é escrita nos gabinetes do poder, noite adentro, à revelia de nossa vontade...

O jovem escritor MARIO FILIPE CAVALCANTI – que, apesar da pouca idade, mostra-se profundo conhecedor das questões que permeiam as relações humanas – recria, com sensibilidade e perspicácia, histórias de circo (ou, melhor: histórias de pessoas circunstancialmente de circo), buscando exatamente as verdades dos bastidores. Assim, enquanto o ilusionista desfila seus truques picadeiro e arquibancadas afora, a jovem apaixonada consome-se em sua dor ao perceber ter perdido o amado mesmo antes de tê-lo; e, inversamente, a moça que, impedida pelo pai de se casar com o mágico, conforma-se (não sem lamentos e suspiros reiterados no gira-girar de um carrossel) em passar a vida ao lado de um homem que, à mercê da realidade de sua profissão, não se deixa envolver pela magia do circo; e o palhaço – ah, o palhaço! –, tão sozinho, tão humilhado, tão vingativo..., revela uma alegria inusitada, sinistra, que confirma o adágio popular; a jovem que se deixa levar pela correnteza do rio, ao encontro do seu amor, afogado por conta da intolerância do pai, ao som de Tiersen, como um quadro vivo de Bosch (e são muitas as referências eruditas, fazendo a necessária ponte entre as denominadas “alta” e “baixa” cultura; por outro lado, referências bíblicas servem de mote para justificar comportamentos humanos que se repetem ao longo do tempo); há ainda os trapezistas, dois rapazes, que se equilibram na corda bamba de um amor que desafia preconceitos hipócritas, mas persistentes; por outro lado, a “mulher barbada”, despida da personagem, então sofrida, seviciada, à margem da proteção de uma Lei Maria da Penha redentora, acaba por encontrar uma forma de se livrar do amante sadomasoquista; as idas e vindas da narrativa sobre o mímico angustiado pelo remorso, vítima de uma vingança (que, ao final, se revela pura retórica), desconstruindo-se; e o equilibrista-galã, que queda vítima da moça rejeitada, a qual se apequena diante do jovem anão que, por sua vez, nutre por ela um amor platônico; enfim, o menino que desafia o pai severo, fugindo janela afora para assistir ao espetáculo inesquecível no pequeno circo, tornado ainda mais inesquecível pelo encontro com a primeira namorada (e dane-se o pai a esperá-lo com o cinto – afinal, tornara-se magicamente homem...).

O circo de nossas recordações passava uma temporada na cidade e depois recolhia suas lonas, pegando a estrada em caravana, na busca de novas para-

gens. Nós, que ficávamos, permanecíamos por algum tempo em estado de torpor, embevecidos pelos sonhos e ilusões que sua passagem despertara.

Assim é o livro de MARIO FILIPE CAVALCANTI. Deixa-nos embevecidos, extasiados com tantas histórias tocantes, profundamente humanas. Com a vantagem de termos o circo de volta sempre que quisermos. Basta abri-lo aleatoriamente, que a vida (“a vida apenas, sem mistificação”, como escreveu Drummond) saltará de suas belas páginas.

Edelson Nagues

Brasília/DF,
outubro de 2013.

SOBRE O AUTOR

MARIO FILIPE CAVALCANTI (MARIO FILIPE CAVALCANTI DE SOUZA SANTOS) é pernambucano de Recife, nascido em 15 de janeiro de 1992, escritor: contista e poeta. Bacharelado em Direito pela centenária Faculdade de Direito do Recife, da Universidade Federal de Pernambuco. Estudou piano clássico na Escola de Artes do Recife. **Prêmios:** Foi vencedor de vários concursos literários no Brasil, como os de contos da Associação Nacional de Escritores (Brasília/DF, 2012), de contos “Cidade das Asas” da Secretaria de Cultura do Município de Gavião Peixoto (São Paulo, 2013), Menção Honrosa no de poesia “VIII Varal de poesia” da Faculdade Metropolitana de Maringá e Academia de Letras de Maringá (Paraná, 2013) e Semifinalista do Prêmio SESC de Literatura 2014. **Publicações:** É participante de Antologias poéticas no Brasil (IHGM, UFMA, 2013 – “Mil poemas para Gonçalves Dias”) e na Europa (Chiado Editora, Porto, Portugal, 2013 – “IV Antologia de Poesia Contemporânea Entre o sono e o sonho”). É colunista da Revista SAMIZDAT e da revista eletrônica de cultura do triângulo mineiro, Página Cultural. Autor dos livros “Comédia de enganos” (Guaratinguetá: Editora Penalux, 2013), livro Semifinalista no Prêmio SESC de Literatura 2014 e “Morte e vida e outros contos” (Recife: EdUFPE, prelo). Publicou em edições impressas das revistas eletrônicas SAMIZDAT (nº. 39, 40 e 41) e Varal do Brasil (Genebra, Suíça) e em edições online (7ª e 8ª) da Revista de poesia “7 faces” (Natal/RN). Mantém o blog literário: www.mariofilipecavalcanti.blogspot.com.

Título O Circo
Autoria Mario Felipie Cavalcanti
Projeto Gráfico EdUFPE
Diagramação Taísa Bernardino
Capa Diogo Cesar Fernandes
Foto de capa “Fragmentos de mim” de Laura Corrêa
Revisão de Texto Flávio Gonzalez

Formato 15,5 x 22,0 cm
Tipografia Minion Pro, Swiss 721
Papel Offset 90 g/m² (*miolo*)
Triplex 250 g/m² (*capa*)

Tiragem 200 exemplares - Agosto 2015
Impressão e acabamento Oficina Gráfica | EdUFPE